

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## SUTURAR FERIDA COM FLORES: O BORDADO EM GILEAD

*Suturing wounds with flowers: embroidery in Gilead*

Cintra, Fernanda do Nascimento; Mestre; Faculdade de Tecnologia de Americana,  
fernandancintra@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo busca investigar uma narrativa ficcional que narra a sociedade distópica de Gilead, que vive sob um regime totalitário, engendrada por fundamentalistas religiosos do sexo masculino. Nesse sentido, a pesquisa enfoca o papel das mulheres do local em articulação com o bordado e outros trabalhos manuais, e suas relações com classe social, poder ou mesmo resistência.

**Palavras-chave:** bordado; mulheres; (des)obediência.

**Abstract:** This article seeks to investigate a fictional narrative that talks of Gilead's dystopian society, which lives under a totalitarian regime engendered by male religious fundamentalists. In this sense, the research approaches the role played by local women in articulation with embroidery and other craftworks and their relations with social strata, power or even resistance.

**Keywords:** embroidery; women; (dis)obedience.

### Introdução

Há narrativas ficcionais sob a forma de livros ou audiovisuais que podem auxiliar nas reflexões acerca de questões atuais, como o papel da mulher na sociedade. Alguns autores retratam seus personagens inseridos em sociedades distópicas, ambientes em que os poderes hegemônicos agem de forma arbitrária. Este é o caso de obras da escritora canadense Margareth Atwood (1939 -) intituladas O Conto da Aia (1985) e Os Testamentos (2019), posteriormente adaptadas para o formato de série televisiva (2017-atual). Nesses textos, a autora apresenta a república totalitária de Gilead. A presente pesquisa investiga a prática de bordados nessa sociedade ficcional e suas relações com as habitantes do local. O estudo adota uma abordagem qualitativa na pesquisa das obras

---

<sup>1</sup> Mestre em Design (UAM, pesquisadora na área de design de moda com foco em bordados e professora da Faculdade de Tecnologia (FATEC) de Americana (SP).



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

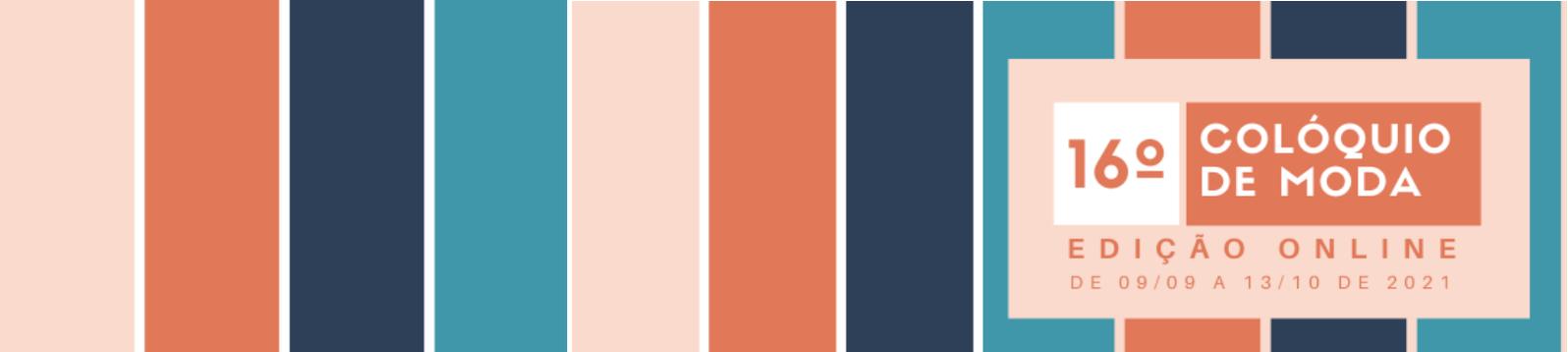
citadas (ATWOOD, 1985; 2017; 2019), a partir das recorrentes aparições dos trabalhos de linha e agulha no compilado e seus diferentes significados que contextualizam o papel das mulheres em Gilead. O regime autoritário engendrado por fundamentalistas religiosos interrompeu a constituição vigente, relegou a segundo plano todas as pessoas do sexo feminino e seus direitos civis e as dividiu hierarquicamente, cada qual com funções definidas. Assim, observamos as relações desta prática manual em meio às diferentes categorias de indivíduos do gênero feminino ao longo dos anos, da instalação ao declínio desse governo. Vale ressaltar que o sistema suprimiu delas grande parte dos direitos como estratégia de dominação: a princípio, foram proibidas de ler, escrever e bordar. Aqui serão observados excertos das obras que delineiam os trabalhos de bordado como ferramentas de disciplina, segregação e, por vezes, insubordinação. As vozes de algumas das interlocutoras nos introduzem ao contexto distópico da república totalitária e nos guiam por nuances que envolvem práticas do fazer manual – permitidas ou não – às ‘cidadãs’ do local, conforme o posto que ocupam. Para essa mirada, apoiamo-nos nas proposições de Parker (2010), que associa os trabalhos de bordado à feminilidade, obediência, disciplina, domesticidade e rigor, ao mesmo tempo em que podem ser empregados como instrumentos de oposição aos sistemas dominantes e como delimitação de território. As reflexões de hooks (2020) colaboram para fomentar articulações do gênero feminino em uma sociedade opressora, por um olhar para a função das práticas de bordado em Gilead como demarcador de classes, poder ou mesmo resistência.

### **A ficção-realidade de Atwood e o cenário de Gilead**

Os livros de Atwood retratam a vida das mulheres na república de Gilead, comandada por fanáticos religiosos que destituíram o governo dos Estados Unidos. Há também adaptações para teatro, radionovela e cinema. Porém, o formato mais premiado<sup>2</sup> além do original é a versão de seriado televisivo (2017 – presente). Até o momento, quatro temporadas foram produzidas pelo serviço de *streaming* estadunidense Hulu.

---

<sup>2</sup> A série recebeu mais de 10 prêmios Emmy. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt5834204/awards>>. Acesso: 09 ago 2021.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

A distopia surge no final do século XX, onde antes ficavam os Estados Unidos. Violência, crise econômica, catástrofes ambientais, escassez de recursos ambientais e de alimentos fortalecem movimentos religiosos conservadores e incentivam fanáticos que invadem a sede do governo de forma beligerante, tomam o poder e renomeiam o local: agora será a república de Gilead, em alusão ao local de refúgio narrado no Livro do Gênesis 31:21: ‘Assim fugiu com tudo o que era seu; levantando-se, passou o rio, e pôs o seu rosto para a montanha de Gileade’.

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. Mantenham a calma, diziam na televisão. Tudo está sob controle [...]. Era difícil de acreditar. O governo inteiro massacrado daquela maneira [...]. Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário [...]. Os jornais foram censurados e alguns foram fechados, por motivos de segurança, disseram. As barreiras nas estradas começaram a aparecer [...]. Todo mundo aprovava isso, já que era óbvio que não se podia ser cuidadoso demais (ATWOOD, 1985, pp.187-188).

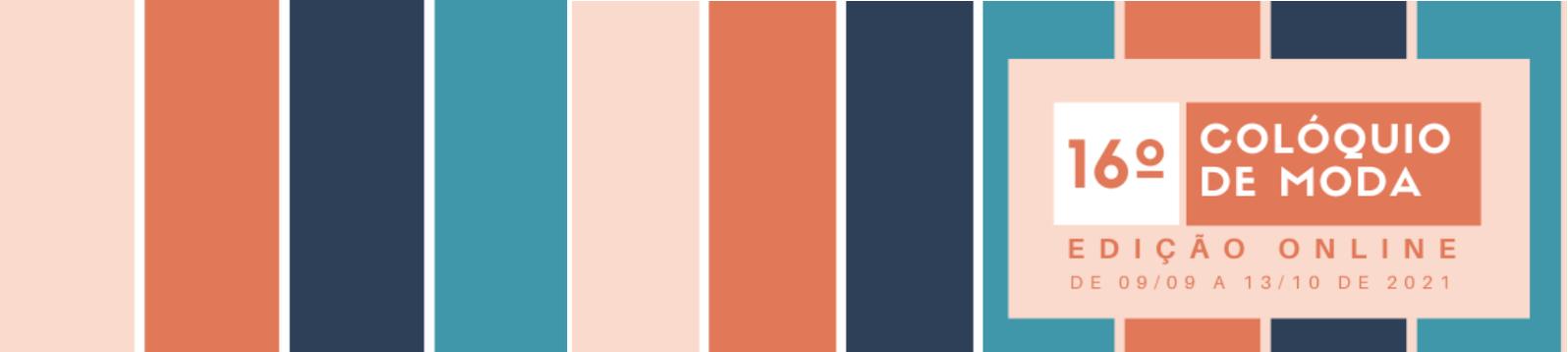
O uso elevado de pesticidas e a escassez de alimentos provocaram queda nas taxas de natalidade. Os fanáticos levantavam o discurso da urgência de aumentar o número de nascimentos. Então, a república selecionou mulheres férteis que eram forçadas a gerar filhos para as famílias dos Comandantes autoritários:

Desenrolado e estendido na frente do quadro-negro, onde outrora teria havido um mapa, está um gráfico, mostrando o coeficiente de natalidade por mil, ao longo de anos e anos: uma encosta escorregadia, descendo além da linha do zero de reposição, cada vez mais para baixo (ibid, pp. 120-121).

Um dos eventos subsequentes mais importantes foi a supressão dos direitos civis das mulheres, entre eles sua destituição dos postos de trabalho e contas bancárias. Nas palavras da interlocutora Offred:

Por volta das duas horas, depois do almoço, o diretor entrou na sala de transcrição para disquetes. Tenho uma coisa para dizer a vocês, disse ele. [...] Eu sinto muito, disse ele, mas é a lei. Eu realmente sinto muito. Por quê? Perguntou alguém. Vou ter que dispensar vocês, disse ele, é a lei, tenho que cumprir. Tenho que dispensar vocês todas [...]. Estamos sendo demitidas? Perguntei. Eu me levantei. Mas por quê? Não demitidas, disse ele. Dispensadas. Não podem trabalhar mais aqui, é a lei (ibid, p.190).





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

A tomada de Gilead se dá de forma violenta, imposta especialmente às mulheres. A pesquisadora e ativista feminista bell hooks (1952 -) explica que abusos de violência dos homens contra as mulheres são uma expressão desse domínio no modelo ocidental, em que o poder do grupo dominante é preservado pela ameaça, impondo castigos arbitrários, físicos ou psicológicos, se a estrutura hierárquica for ameaçada.

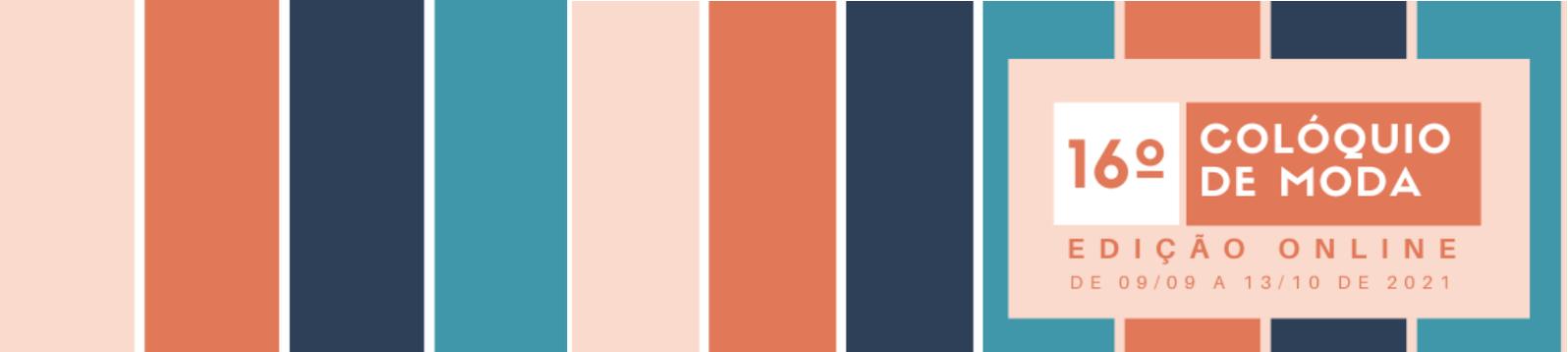
[...] acredito que a violência está intrinsecamente ligada a todos os atos de violência dentro desta sociedade que ocorrem entre os poderosos e os impotentes, os que dominam e os dominados. Embora a supremacia masculina encoraje a utilização de força abusiva para preservar o domínio masculino sobre as mulheres, a causa da violência contra as mulheres, da violência perpetrada pelos adultos contra as crianças, de todo o tipo de violência entre aqueles que dominam e aqueles que são dominados, é a noção filosófica ocidental do domínio hierárquico e da autoridade coerciva. Este sistema de crenças é a base na qual a ideologia sexista e outras ideologias de opressão dos grupos se baseiam (HOOKS, 1984, p.92).

Na obra, a partir da tomada do poder, muitas outras restrições foram impostas e passaram a ser consideradas pecado em Gilead. Divorciados, cientistas e pesquisadores, artistas, homossexuais, judeus e muçulmanos – todos passaram a ser segregados: enviados para campos de trabalhos forçados, exilados ou mesmo mortos.

Segundo a autora canadense, todos os eventos narrados nas obras *O Conto da Aia* e *Os Testamentos* possuem algum antecedente histórico real. Destacam-se alguns exemplos: na Argentina durante o regime civil-militar, cerca de 500 crianças e recém-nascidos desapareceram e foram adotados por famílias de militares. O mesmo ocorre na trama, quando as servas são forçadas a dar à luz e são separadas de seus bebês, que são adotados pelas Esposas dos poderosos Comandantes militares. Outro destaque vai para os trajes das Aias, que derivam de inúmeras fontes, como os gorros e véus do período vitoriano. Em Gilead, Atwood também se inspirou no xador afegão, a veste que foi imposta às mulheres durante a revolução islâmica da década de 1970, comandada por fanáticos religiosos (O GLOBO, 2019).

A seguir observaremos detalhadamente as classes nas quais as mulheres de Gilead foram segregadas.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## A classe de mulheres em Gilead

No governo teocrático de Gilead, todos os indivíduos possuem papéis distintos e hierárquicos. Nesta pesquisa, enfocamos as pessoas do sexo feminino. Com a instalação desse regime autoritário, todas elas perderam seus direitos civis, e mulheres de todas as castas foram proibidas de ler e de escrever, entre outras coisas.

As Aias – personagem central das obras – são consideradas a propriedade mais valiosa do governo que, determinado a ampliar a taxa de natalidade, conta com elas para esse fim. Antes da instalação da república de Gilead, essas mulheres poderiam ser solteiras, divorciadas, casadas com homens divorciados ou separados – situações que passaram a ser consideradas pecado perante a Lei gileadeana cristã. Se eram mães, perderam a guarda dos filhos, adotados pelas famílias do alto escalão militar. Sua função principal em Gilead tornou-se procriar. São estupradas todos os meses em seu período fértil, em cerimônias religiosas na presença das Esposas. Seus bebês são entregues a essas famílias e elas são transferidas a outro posto, com a mesma função. Seus nomes são substituídos pelo nome do homem da casa: ‘Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. [...] Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia’ (ATWOOD, 1985, p.91).

Na verdade, Offred, o nome pelo qual é chamada essa interlocutora em *O Conto da Aia*, é corruptela de ‘Of Fred’ – ou ‘propriedade do Fred’, em português.

As chamadas Tias são as únicas mulheres autorizadas a escrever, ler e andar sozinhas, pois têm cargos no governo, sua função é ‘lapidar’ as Aias e as preparar para seus postos de procriação, nas casas dos Comandantes e suas Esposas. Também são responsáveis pela educação das crianças de Gilead. Suas estratégias disciplinadoras envolvem, entre outras coisas, sessões de tortura:

Elas a levaram para a sala que costumava ser o Laboratório de Ciência. Era uma sala onde nenhuma de nós entrava voluntariamente. Depois ela ficou sem poder andar durante uma semana, seus pés não entravam nos sapatos, estavam inchados demais. Eram nos pés que batiam, em caso de primeira ofensa. Usavam cabos de fios de aço, com as pontas destorcidas. Depois disso eram as mãos. Elas não se importavam com o que fizessem com seus pés e mãos, mesmo se fosse permanente. Lembrem-se, dizia Tia Lydia. Para nossos objetivos seus pés e suas mãos não são essenciais (ibid, p.100).



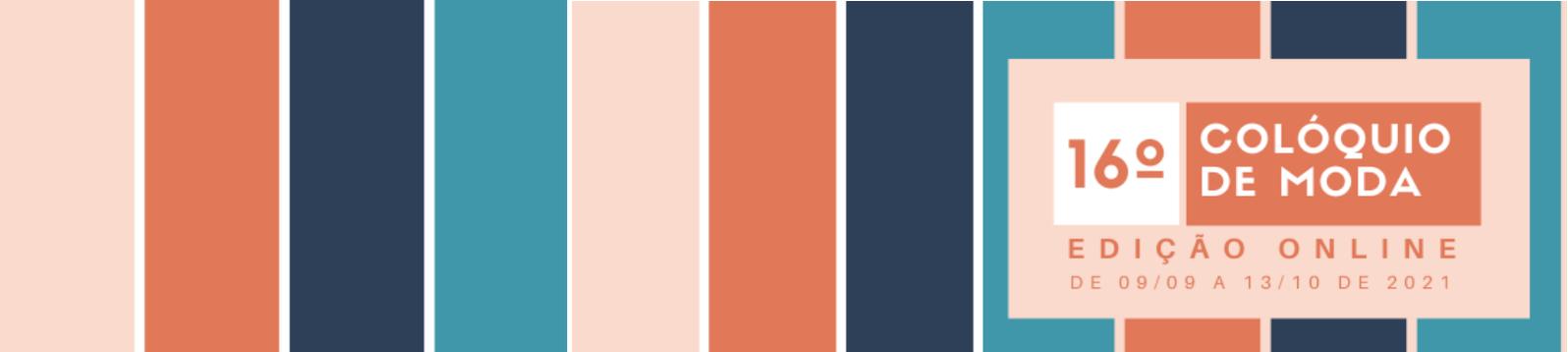
As Esposas são as mulheres que, casadas com os funcionários de altos postos do governo militar, têm o direito de receber uma Aia para gerar seus filhos. Algumas delas inclusive participaram da fundação da nação. Elas exercem certo poder em relação às mulheres das demais classes. Na voz da Aia Offred: ‘Ela provavelmente estava com vontade de me dar uns tabefes na cara. Eles podem bater em nós, existe precedente nas Escrituras determinando isso. Mas não com qualquer instrumento. Somente com suas mãos’ (ibid, p.18). As obras estabelecem que as mulheres mais poderosas em Gilead são as Tias e as Esposas. Considera-se, portanto, que algumas mulheres perpetram ações violentas para preservar seu poder. Nas palavras de hooks:

Este tipo de pensamento permite-nos ignorar até que ponto as mulheres (juntamente com os homens) aceitam e perpetuam, nesta sociedade, a ideia de que é aceitável um grupo ou partido dominante preservar o seu poder sobre os grupos dominados por intermédio da força coerciva. Permite-nos esquecer ou ignorar o facto de as mulheres exercerem autoridade coerciva sobre outros e agirem violentamente [...] elas podem utilizar medidas abusivas para preservar a sua autoridade em interações com grupos sobre os quais exercem poder (HOOKS, 1984, pp. 92-93).

As Marthas são as mulheres responsáveis pelos trabalhos domésticos nas casas dos Comandantes e têm autorização para circular pela cidade e fazer as compras. São chamadas de Marthas, em alusão à personagem bíblica, irmã de Maria, retratada como uma serva que oferecia alimento, abrigo e cuidados a qualquer pessoa necessitada, conforme relata o Evangelho segundo Lucas (10:38-42). Assim como as Aias, as Marthas são propriedade das Esposas: ‘quer sejam Marthas ou Aias, são consideradas como sendo de jurisdição exclusiva das Esposas’ (ibid, p.173).

As Econoesposas são as mulheres casadas com homens que ocupam empregos comuns na cidade, como servidores públicos, comerciantes e outros e pertencem as chamadas Econofamílias, formadas por trabalhadores que não contam com nenhum privilégio na sociedade Gilead, embora sejam fundamentais para o crescimento da nação teocrática (ATWOOD, 1985).

Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem (ibid, p.29).

As Não-mulheres são todas as mulheres de outras religiões, como as muçulmanas e judias, ou pertencentes à comunidade LGBTQIA+, as cientistas, as inférteis ou aquelas não adaptadas à sociedade. São enviadas para campos de trabalho forçado:

Quando aquilo acabou eles me mostraram um filme. Sabe sobre o que era? Era sobre a vida nas Colônias. Nas Colônias as pessoas passam o tempo fazendo limpeza [...]. Por vezes são apenas cadáveres, depois de uma batalha [...]. As outras Colônias, contudo, são piores, há os depósitos de lixo tóxico e a radiação que vaza. Nessas, eles calculam que você tenha três anos no máximo, antes que sua pele se despregue e saia como luvas de borracha. Não se dão ao trabalho de lhe dar muito o que comer, ou de lhe dar trajes de proteção ou coisa nenhuma, é mais barato assim. De qualquer maneira são pessoas de quem eles querem se livrar, na maioria (ibid, pp. 268-269).

Jezebéis são as mulheres que trabalham como prostitutas a serviço do governo; assim denominadas também em alusão à personagem bíblica que, pagã e traidora da Lei de Deus, teve seu corpo lançado aos cães (Reis 1:16-31). A existência das Jezebéis é extraoficial, pois trabalham em locais clandestinos, restritos apenas aos poderosos. Elas servem para entreter os poderosos e as comitivas internacionais em visita a Gilead:

Sabe como chamam este lugar, entre eles? A Casa de Jezebel. As Tias acham que estamos todas condenadas ao inferno de qualquer maneira, desistiram de nós, de modo que não importa que tipo de vício tenhamos, e os Comandantes estão pouco se lixando com o que fazemos em nossas horas de folga (ATWOOD, 1985, p.270).

A sociedade gileadeana é forjada a partir das ações de seus líderes homens – fanáticos religiosos que ali instauram uma ditadura teocrática e militar. A partir dessa mirada para as mulheres da sociedade distópica de Gilead, observaremos as relações de alguns de seus trabalhos manuais e a classe à qual pertencem.

### **Os fazeres manuais em Gilead**

Segundo Parker (2010), alguns fazeres manuais estão ligados à própria história. Certas práticas passaram a ser orientadas por gênero a partir do período do Renascimento,



ocorrido no Ocidente entre os séculos XV e XVI. A autora aponta que estes fazeres manuais estavam ligados à feminilidade e à domesticidade, bem como ao poder e à classe.

Durante o século XVII, o bordado foi usado para inculcar desde cedo a feminilidade inata nas garotas. No século XVIII, bordar significava um estilo de vida aristocrático e descontraído – não trabalhar estava se tornando a marca da feminilidade [...] Finalmente no século XIX a conexão entre bordado e feminilidade foi considerada natural. As mulheres bordavam porque eram naturalmente femininas e eram femininas porque bordavam<sup>3</sup> (PARKER, 2010, p. 11).

O mesmo ocorre na sociedade distópica de Atwood. Nas obras, trabalhos de linha e agulha são recorrentes e aparecem mais de 30 vezes. Em Gilead, as manualidades estão presentes vinculadas à domesticidade e à classe inerente. A Aia Offred não podia ler nem escrever, tampouco bordar. Sua função exclusiva era procriar. Em suas palavras:

Há tempo de sobra. Esta é uma das coisas para as quais não estava preparada – a quantidade de tempo não preenchido, o longo parêntese de nada. Tempo como som de ruído fora de sintonia. Se ao menos eu pudesse bordar. Tecer, tricotar, alguma coisa para fazer com as mãos (ATWOOD, 1985, p.76).

Na instalação do regime de Gilead, as Esposas, pertencentes a uma classe superior, podiam bordar e tricotar. Segundo a interlocutora, a Aia Offred:

Tenho dificuldade em acreditar que os Anjos<sup>4</sup> tenham necessidade dessas echarpes; de todo modo, as que são feitas pela Esposa do Comandante são refinadas demais. Ela não se dá ao trabalho de fazer o padrão bordado de cruz e estrela usado por muitas das outras Esposas, não há desafio algum naquele [...]. Às vezes penso que essas echarpes não são enviadas para os Anjos no fim das contas, e sim desmanchadas e devolvidas em bolas de fio de lã, para serem mais uma vez tricotadas. Talvez seja apenas alguma coisa para manter as Esposas ocupadas, dar-lhes uma noção de objetivo a cumprir. É bom ter pequenas metas que podem ser facilmente alcançadas (ibid, p.16).

No entanto, o fato de poderem executar trabalhos manuais não significa que gostavam deles. Na série televisiva, um dos episódios apresenta uma das Esposas numa

<sup>3</sup> *During the seventeenth century the art was used to inculcate femininity from such an early age that the girl's ensuing behavior appeared innate. By the eighteenth century, embroidery was beginning to signify a leisured, aristocratic lifestyle - not working was becoming the hallmark of femininity [...] Finally, in the nineteenth century, embroidery and femininity were entirely fused and the connection was deemed to be natural. Women embroidered because they were natural feminine and were feminine because they naturally embroidered.* Tradução nossa.

<sup>4</sup> Anjos são os militares de baixa patente de Gilead (ATWOOD, 1985).

cena em que revela que detesta trabalhar com as agulhas, mas o faz para passar o tempo, pois sente saudades das tarefas que realizava antes de Gilead (figura 1).

Figura 1: Frames diversos. Temporada 2, Episódio 8, 'Women's Work'



Fonte: HULU, 2018

Em outro momento da série, são os trabalhos manuais que demarcam locais de poder. Num chá de bebê, uma cerimônia reúne Aias e Esposas, que seguram fios verdes e vermelhos enquanto fazem uma oração. Os fios ligam uma Esposa à Aia que gera o seu filho, o que cria entre as duas um laço permanente, forçado e abusivo 'em nome de Deus' (figura 2).

Figura 2: Frames diversos. Temporada 2, Episódio 4, 'Other Woman'



Fonte: HULU, 2018

Em uma cena da Temporada 2, a Esposa vigia sua Aia, que havia escapado e posteriormente foi encontrada. Como uma sentinela, a mulher se mantém acordada,

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

enquanto realiza trabalhos manuais (figura 3). Além disso ela aproveita para conversar com o bebê no ventre da Aia como se fosse seu.

Figura 3: Frames diversos. Temporada 2, Episódio 6, *'First Blood'*



Fonte: HULU, 2018

Outra demarcação de classe é notada e ocorre enquanto uma Aia dissidente é torturada, enquanto uma Tia está na sala ao lado, bordando (figura 4). É possível perceber a naturalidade e a concentração da Tia em seu trabalho, apesar de estar sendo cúmplice de mais uma tortura realizada em Gilead.

Figura 4: Frames diversos. Temporada 4, Episódio 3, *'The crossing'*



Fonte: HULU, 2021

À medida que a sociedade de Gilead se deteriora e falha em seu projeto religioso fundamentalista, algumas leis vão mudando e se afrouxando, até a queda do domínio gileadeano. As obras denotam que, nos anos finais do regime, o ensino de trabalhos manuais passa a ser obrigatório para algumas classes de meninas e jovens mulheres, sob a forma de bordado, tricô, pintura e arranjos florais, ensinados nas

escolas pelas Tias. As jovens aprendem a bordar lenços, pufes e porta-retratos em *petit point* (ATWOOD, 2019).

É importante lembrar que tais práticas manuais estão ligadas ao contexto histórico e de classes ao longo da história (PARKER, 2010). Na obra de Atwood, apesar de as meninas e jovens mulheres aprenderem a bordar, há muitas restrições quanto aos temas permitidos, sendo mais frequentes os motivos florais e religiosos: ‘Estávamos bordando jogos de lenços para as Tias, com flores personalizadas para seus nomes – equináceas para Elizabeth, hortênsias para Helena, violetas para Vidala. Eu estava bordando lilases para Lydia’ (ATWOOD, 2019, pp. 85-86)

É possível perceber que o ensino das práticas manuais estava restrito às famílias de alto escalão. As palavras de uma jovem adotada pela família de um dos líderes do governo demonstra a diferenciação entre ela e as crianças de Econofamílias: ‘Meninas comuns das Econofamílias usavam a mesma coisa o tempo todo [...] Elas nem sequer aprendiam a bordar em *petit point* ou a fazer crochê, faziam apenas a costura ordinária, a confecção de flores de papel e outras tarefas parecidas’ (ibid, p.12).

Na fase final de Gilead, a estas crianças também foi permitido ler e escrever. Segundo as Tias, todas estas práticas eram pré-requisitos para que as jovens pudessem se tornar boas Esposas para seus maridos futuramente:

Era difícil nunca falar nada a não ser que uma das Tias seniores falasse primeiro. Obediência, subserviência, docilidade: eram estas as virtudes requeridas. Além disso havia a leitura, que eu achava frustrante. Talvez eu já tivesse passado da idade de aprendê-la, pensei. Talvez fosse como bordados finos: era preciso começar desde pequena; senão você nunca pegaria o jeito. Mas, pouco a pouco, fui ficando melhor (ibid, p. 278).

Assim como algumas das Esposas na fase inicial de Gilead, nem todas as jovens gostavam de bordar, apesar de serem obrigadas a aprender estas práticas:

Bordar não era o meu forte. Eu vivia sendo criticada por meus pontos frouxos e desleixados. – Eu odeio fazer *petit point*. Quero fazer pão. – Nem sempre podemos fazer o que queremos – disse Zilla com doçura. – Nem você. – E às vezes temos que fazer o que odiamos – disse Vera. – Até você. – Não deixem, então! – falei. – Vocês são más! (ibid, p.23).

Algumas vezes, o bordado aparece na obra como argumento de revolta ou insatisfação contra o sistema opressor. Em um destes trechos, uma jovem usa essa forma de comunicação não-verbal em sinal de revolta contra sua madrasta, que a estava obrigando a se casar contra sua vontade:

Eu tinha que estar terminando um projeto abominável de *petit point* para ocupar minha cabeça – a figura era uma cesta de frutas que poderia ser transformada em pufe para os pés, um presente para meu futuro marido, fosse ele quem fosse. Em um canto do quadrado do pufe, eu bordei uma pequena caveira: representava a caveira da minha madrasta Paula, mas, se alguém me perguntasse o que era aquilo, eu responderia que era um *memento mori*, um lembrete do fato de que todos morreríamos um dia. Dificilmente poderiam contestar isso, já que era um símbolo religioso: havia caveiras assim nas lápides do velho adro de igreja próximo à nossa escola (ATWOOD, 2019, pp.150-151).

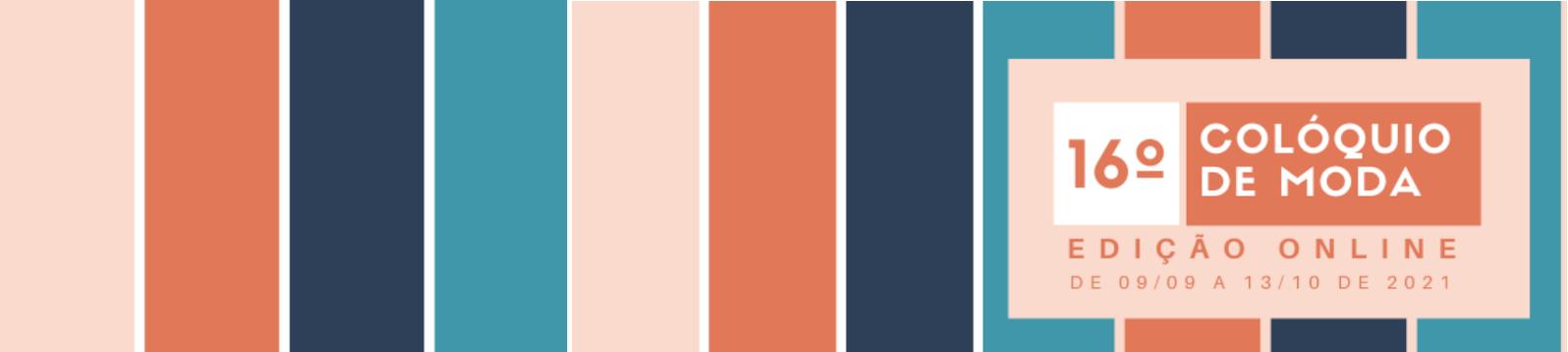
Segundo as proposições de Parker, ao longo da história, o bordado aparece tanto como elemento de formação educacional quanto como registro da resistência à feminilidade: ‘[...] bordado tem sido o meio de educar as mulheres no feminino ideal e de provar que o alcançaram, mas também forneceu uma arma de resistência às restrições da feminilidade<sup>5</sup>’ (PARKER, 2010, p. 6).

A obra revela, portanto, que estas práticas manuais fazem uma ligação ambígua com o feminino. São impostas como formato educacional para as meninas e jovens, a fim de impor obediência e feminilidade, ao mesmo tempo em que demarcam classe, não sendo permitidas a todas as mulheres de Gilead, mas sim às que detêm certo poder sobre as outras. Nas palavras de Parker:

O bordado tem proporcionado uma fonte de prazer e força para as mulheres, ao mesmo tempo que está indissolavelmente ligado à sua impotência. Paradoxalmente, embora o bordado fosse empregado para inculcar a feminilidade nas mulheres, também lhes permitia negociar as restrições da feminilidade<sup>6</sup> (ibid, p. 11).

<sup>5</sup> [...] embroidery has been the means of educating women into the ideal feminine and of proving that they have attained it, but it has also provided a weapon of resistance to the constraints of femininity. Tradução nossa.

<sup>6</sup> Embroidery has provided a source of pleasure and power for women, while being indissolubly linked to their powerlessness. Paradoxically, while embroidery was employed to inculcate femininity in women, it also enables them to negotiate the constraints of femininity. Tradução nossa.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

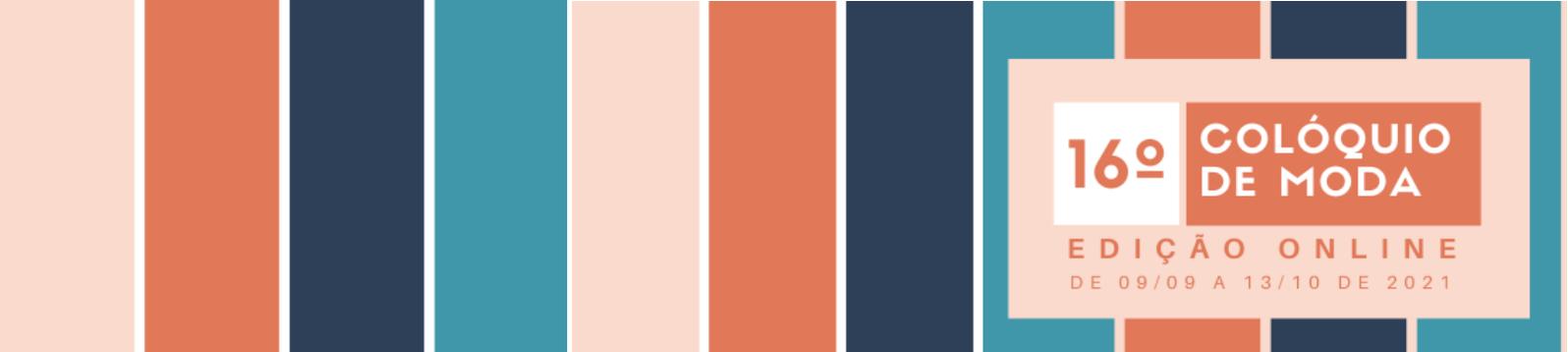
## Considerações Finais

Esta pesquisa investiga uma narrativa ficcional que reporta uma sociedade distópica e machista em que o papel das mulheres se articula com práticas de bordado e outros trabalhos manuais em suas relações com classe social, poder ou resistência. Para este olhar, o presente artigo elencou as obras da escritora canadense Margareth Atwood *O Conto da Aia* e *Os Testamentos*, bem como o formato televisivo da obra, por meio de excertos dos livros e trechos da série televisiva, inspirados em situações da história e em passagens bíblicas.

Uma breve introdução sobre o contexto da sociedade gileadeana permitiu perceber que ela foi forjada sob preceitos religiosos e autoritários. Engendrada por homens e de maneira arbitrária, Gilead silenciou, tirou os empregos, os filhos e parceiros de muitas mulheres, sempre sob pretextos religiosos. Além disso, classificou-as de acordo com sua serventia a serviço dos poderosos.

Cada casta de mulher tinha sua função definida. Em diferentes medidas, todas deviam obediência a seus líderes teocráticos. E pelo bem de sua sobrevivência, todas eram submissas ao que preconizava a lei maior. Para manter o *status quo*, mulheres como as Tias e as Esposas reproduziam o autoritarismo dos homens e o exerciam sobre as Aias, as Econoesposas, as crianças e moças, as Não-mulheres e as Jezebéis. Nosso olhar enfocou práticas manuais que demarcam classe e poder das mulheres, ao mesmo tempo em que introduzem obediência e servidão. No início do regime, o bordado em Gilead estava restrito às mulheres de classe e às Tias, o que não determina que necessariamente gostassem de bordar, mas que o faziam por não poderem ler, escrever ou ter outras formas de lazer, igualmente tolhidas de sua liberdade, ainda que em menor medida, enquanto Aias, Marthas, Econoesposas, Não-mulheres e Jezebéis tinham que exercer funções obrigatórias, nada além disso. Num segundo momento, o bordado aparece como forma de inserir feminilidade e docilidade em crianças nas escolas, em conjunto com outras práticas, o que não significa, novamente que seja feito como prazer ou lazer, mas sim





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

como um disciplinador e delimitador de classes, permitido apenas às meninas e moças filhas de poderosos, como sinal de docilidade e obediência, denotando que logo se tornariam, elas próprias, boas cônjuges.

Portanto, narrativas ficcionais, muitas vezes podem nos auxiliar na reflexão acerca de questões inerentes à atualidade, como o papel da mulher na sociedade. Se arbitrariedades presentes na narrativa chocam o leitor e o espectador, isso pode nos transportar a potentes reflexões sobre o que uma sociedade autoritária de base teocrática pode vir a ser, para além da ficção.

## Referências

AFTER. Temporada 2, ep. 7. **O Conto da Aia (Seriado)**. Direção: Kari Skogland. Produção: Bruce Miller. Produtora Hulu, 2018. 23 abr 2018 (0h55min).

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

\_\_\_\_\_. **Os Testamentos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

BÍBLIA on, Livro do Gênesis, 31:21. Disponível em: <[https://www.bibliaon.com/genesis\\_31/](https://www.bibliaon.com/genesis_31/)>. Acesso 10 ago 2021

BÍBLIA on, Evangelho de Lucas, 10:38-42. Disponível em: <[https://www.bibliaon.com/lucas\\_10/](https://www.bibliaon.com/lucas_10/)>. Acesso 10 ago 2021

BÍBLIA on. Livro de Reis, 1:16-31. Disponível em: [https://www.bibliaon.com/1\\_reis\\_16/](https://www.bibliaon.com/1_reis_16/). Acesso 10 ago 2021

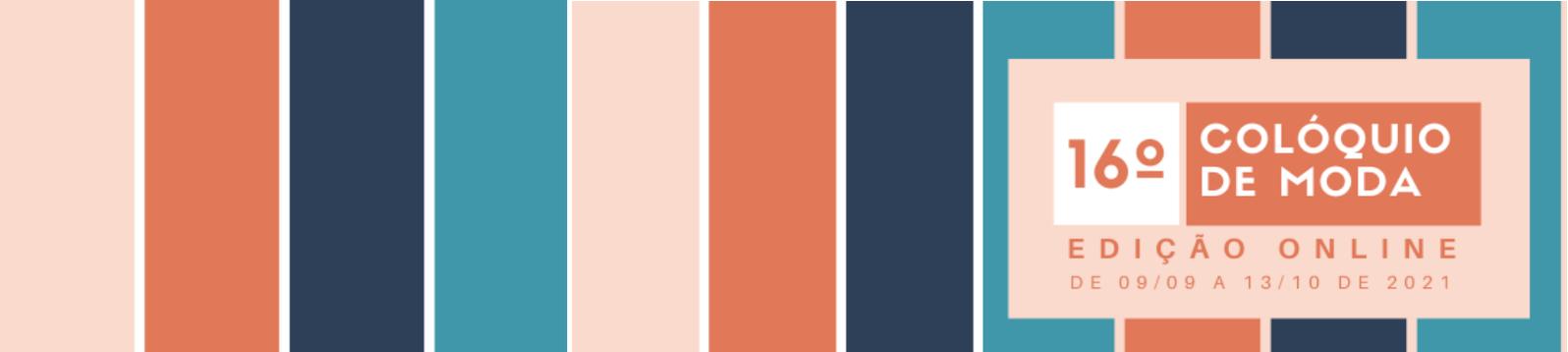
FIRST blood. Temporada 2, ep. 6. **O Conto da Aia (Seriado)**. Direção: Mike Barker. Produção: Bruce Miller. Produtora Hulu, 2018. 23 mai 2018 (0h58min).

HOOKS, bell. **Teoria feminista: Da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

OTHER woman. Temporada 2, ep. 4. **O Conto da Aia (Seriado)**. Direção: Kari Skogland. Produção: Bruce Miller. Produtora Hulu, 2018. 09 mai 2018 (0h54min).

PARKER, Rozsika. **The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Femininity**. Londres: The Womens Press Ltd, 2010.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

SMART Power. Temporada 2, ep. 9. **O Conto da Aia (Seriado)**. Direção: Jeremy Podeswa. Produção: Bruce Miller. Produtora Hulu, 2018. 13 jun 2018 (0h59min).

THE crossing. Temporada 4, ep. 3. **O Conto da Aia (Seriado)**. Direção: Elizabeth Moss. Produção: Bruce Miller. Produtora Hulu, 2021. 28 abr 2021 (1h03min).

THE Handmaid's Tale. Os acontecimentos reais que inspiraram Margaret Atwood. O Globo. 12 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>>. Acesso 10 ago 2021

WOMEN'S Work. Temporada 2, ep. 8. **O Conto da Aia (Seriado)**. Direção: Kari Skogland. Produção: Bruce Miller. Produtora Hulu, 2018. 6 jun 2018 (0h59min).

